DOI: 10.24261/2183-816x1144

Um autêntico *rain-fila*: o tempo em *Crónica de uma Travessia* de Luís Cardoso

Filipa Filipe*
Teodora Gonzaga**

Introdução

O presente artigo tem como finalidade estudar o tempo narrativo em *Crónica de uma Travessia* (1997), o romance inaugural do escritor timorense Luís Cardoso (1958-). Os estudos de narratologia de Carlos Reis (2018) – nomeadamente o *Dicionário de estudos narrativos*, desenvolvido a partir do *Dicionário de narratologia* (Reis; Lopes, 1987) – fornecem a base teórica e metodológica para a análise apresentada.

Considerada um *ex-libris* da literatura timorense, *Crónica de uma Travessia* é de leitura obrigatória no 12.º ano da disciplina Temas de Literatura e Cultura, disponibilizada no Ensino Secundário Geral de Timor-Leste (Ramos *et al.*, 2011). No Ensino Superior, integra os programas de graduação em Língua Portuguesa da Universidade Nacional Timor Lorosa'e. O estudo contínuo desta obra aporta, portanto, um significativo valor pedagógico[1].

Esperamos que esta investigação contribua para a legitimação da literatura timorense, a qual continua a enfrentar desafios estruturais, como a ausência de uma rede editorial local, a elitização em torno do livro e outras questões relacionadas com a política linguística (Ramos, 2012, p. 156). Apesar de já traduzida para várias línguas, é surpreendente que, trinta anos após a sua publicação, *Crónica de uma Travessia* ainda não esteja disponível em tétum.

Objetivos e Metodologia

Os principais objetivos desta investigação são: a) formular hipóteses de leitura a partir dos paratextos verbais (título, subtítulo, sinopse e prefácio) de *Crónica de uma Travessia*; b) distinguir na

* Doutoranda em Estudos Portugueses na Universidade Nova de Lisboa (NOVA), Lisboa, Portugal. Professora convidada no Centro de Língua Portuguesa da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), Díli, Timor-Leste (2020-2023). ORCID: https://orcid.org/0009-0003-9381-9217. *E-mail*: filipa.filipe@untl.edu.tl

** Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa no Contexto de Timor-Leste na Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), Díli, Timor-Leste. Licenciada em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), Díli, Timor-Leste (2023). ORCID: https://orcid.org/0009-0001-4414-0211. *E-mail*: teodoragonzaga99@gmail.com

[1] Realizado sob a orientação de Filipa Filipe, então professora do Centro de Língua Portuguesa da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), este trabalho insere-se no Resultado 2, Atividade 3, do Quadro Lógico do projeto de cooperação bilateral FOCO.UNTL (2019-2024), uma parceria com o Camões, I. P.

narrativa o tempo da história e o tempo do discurso; c) analisar os fenómenos de ordem, velocidade e frequência em excertos selecionados; d) explorar relações entre memória e identidade, real histórico e real ficcional.

Metodologicamente, serão selecionados excertos de *Crónica de uma Travessia* que contenham as referências temporais mais significativas. A análise incidirá sobre os fenómenos de ordem (analepse e prolepse), velocidade (como pausa, elipse, sumário e digressão) e frequência (discurso singulativo, iterativo e repetitivo) presentes nesses trechos. A partir dessa análise, será possível extrair conclusões sobre o tempo narrativo neste romance.

Referencial teórico-prático

Dicionário de Estudos Narrativos (Carlos Reis)

A narratologia, consolidada no estruturalismo europeu por Barthes, Genette, Greimas, Todorov e Bremond, propõe a análise rigorosa das estruturas e funções narrativas. No universo lusófono, o campo adquiriu expressão sistemática com o *Dicionário de Narratologia*, de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (1987), obra de caráter pioneiro que visava dotar o ensino e a investigação literária de um repertório terminológico funcional e epistemologicamente coerente.

Mais de trinta anos após a primeira edição, o projeto é reformulado por Carlos Reis (2018) em *Dicionário de Estudos Narrativos*, agora concebido como resposta ao alargamento e à diversificação do campo narratológico. A obra incorpora 113 verbetes inéditos e suprime 37 entradas do dicionário anterior, refletindo um reposicionamento teórico marcado pelo *narrative turn*[2], que expandiu a análise narrativa para além do texto literário (Peixinho, 2019, p. 132).

Essa reconfiguração integra abordagens como a narratologia feminista, cognitiva, mediática, pós-colonial e transmédia, reconhecendo a presença da narrativa em diversos domínios – do jornalismo à ciência – exigindo categorias flexíveis e sensíveis à historicidade dos objetos. A proposta de Reis não abdica, porém, do rigor conceitual herdado da tradição estruturalista, antes reavalia as suas categorias fundadoras à luz das práticas narrativas contemporâneas.

Ao mesmo tempo, a literatura mantém-se como centro privilegiado de exemplificação teórica, por oferecer os exemplos mais complexos e densos de configuração narrativa. Reis sustenta que os textos literários, especialmente os romances, concentram um capital simbólico e estrutural insubstituível, fundamental para a análise profunda da experiência narrativa humana e para a formação da sensibilidade crítica (Reis, 2018, p. 13).

[2] O *narrative turn* designa a viragem teórica que, desde a década de 1990, atribui à narrativa um papel central na organização do conhecimento e da experiência em múltiplas disciplinas, para além da literatura. A nova edição do dicionário reflete esse alargamento, incorporando a narratologia pós-clássica (Fludernik, Prince, Ryan, Richardson, Bal). Genette, contudo, mantém a sua centralidade: a terminologia desenvolvida em *Figures III* (1972) e *Narrative Discourse* (1980) – voz, tempo, focalização – estrutura muitas das entradas, incluindo as que sustentam a análise que se segue.

A dimensão didática do projeto é essencial. Carlos Reis afirma que, embora os dicionários sejam instrumentos conceptuais relativamente estáticos, estes adquirem verdadeiro valor pedagógico quando ativados por uma leitura crítica e contextualizada. Assim, teoria, análise e ensino articulam-se de modo inseparável, fazendo dos Estudos Narrativos uma plataforma crítica para pensar a narrativa enquanto forma de conhecimento e instrumento pedagógico.

Crónica de uma Travessia (Luís Cardoso)

Crónica de uma Travessia - A Época do Ai-Dik-Funam marca a estreia literária de Luís Cardoso (1997), estabelecendo o tom autobiográfico e testemunhal que viria a definir a sua obra literária. O romance entrelaça a memória do exílio com a história recente de Timor-Leste, transformando a vivência do narrador-protagonista numa travessia simbólica, fazendo da memória um espaço de reinscrição identitária.

Na sinopse da contracapa da primeira edição, a obra é descrita como "um conjunto de relatos, na primeira pessoa, desde a infância até ao momento em que o imaginário construído se confronta com a realidade". A frase "Esta é a minha travessia no tempo. Do encantamento aos dias da ira" (Cardoso, 1997) oferece uma pista importante para a interpretação paratextual do romance.

O termo "crónica" aponta para uma narrativa híbrida, que recupera o sentido original de relato dos acontecimentos. José Eduardo Agualusa descreve o passado dos países com uma tradição literária predominantemente oral como um tempo "frágil, volátil, que rapidamente se consome" (Cardoso, 2021, p. 7). Essa visão ajuda a entender a "travessia" como eixo estruturante do romance.

O ato de *resgatar o passado*, que implica atravessar o tempo, configura-se como a própria "travessia" mencionada no título. Esta inclui a jornada do narrador-protagonista entre Timor e Portugal, a sua maturação pessoal (*homo viator*) e a reconstituição da biografia paterna, que se confunde com a própria trajetória do seu país, desde o final do período colonial português até aos anos da ocupação indonésia.

O subtítulo "A Época de *Ai-Dik-Funam*" (em grafia normalizada, *ai-dik-funan*: as flores da árvore da eritrina) é esclarecido apenas na última frase do livro: "Nas ruas de Lisboa, os jacarandás floriam como se a natureza não perdesse nunca a *memória* das cores. Como archotes, velavam pelo canto dos loricos, cacoaques e outros pássaros feridos, na época de *ai-dik-funam*" (Cardoso, 2021, p. 141-142).

Nessa passagem, propõe-se uma associação entre o *ai-dik-funan* (a eritrina) e o jacarandá, árvores típicas de Timor-Leste e de Portugal, respetivamente. A flor da eritrina (*erythrina corallodendron*) é reminiscente da cor do sangue e remete para os *dias da ira*. O jacarandá (*jacaranda mimosaefolia*), com as suas flores violáceas espirituais, evoca o tempo do *encantamento*.

O tempo narrativo

No *Dicionário de Estudos da Narrativa*, Carlos Reis (2018, p. 302) distingue pelo menos quatro acepções do termo "narrativa": "narrativa enquanto enunciado", "narrativa como conjunto de conteúdos

representados por esse enunciado", "narrativa como ato de os relatar" e "narrativa como modo", neste último caso, referindo-se à tríade composta pelo modo narrativo, lírico e dramático.

Mais adiante, o autor caracteriza o processo narrativo como constituído por três dominantes: um "variável distanciamento assumido por um narrador em relação àquilo que se narra", uma "tendência para a exteriorização, viabilizando a caracterização e a descrição de um universo autónomo (personagens, espaços, eventos, etc.)" e uma "dinâmica temporal decorrente do devir cronológico inerente a toda a história contada" (Reis, 2018, p. 304).

Referindo-se à narrativa como a instância resultante da simbiose entre a história e o discurso narrativo, o autor distingue dois planos fundamentais de análise: a sua existência como componente da história e a sua formulação ao nível do discurso (Reis, 2018, p. 305, 507). Da articulação entre os dois resulta a narração, sendo o plano da história um domínio de análise bem menos problemático do que o tempo do discurso.

Tempo da história

O tempo da história, ou diegético, designa, por um lado, a "cronologia propriamente dita, demarcável pela sucessão de eventos susceptíveis de serem datados com maior ou menor rigor variável" (Reis, 2018, p. 507) e, por outro, a *feição humana do tempo*, sendo este último uma transposição humana do primeiro. O tempo da história refere-se, assim, à cronologia dos eventos e a uma certa linearidade.

Em termos gerais, a ação de *Crónica de uma Travessia* desenrola-se ao longo do século XX, entre o fim do período colonial (1941-1975) e os anos negros da ocupação indonésia (1975-1999). A ação principal começa com o relato da infância do narrador-protagonista, ocorrida anos depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e estende-se até junho de 1990, data da morte do pai.

Entre os eventos mencionados, encontram-se referências à Guerra de Manufahi (1911-1912), à ocupação japonesa de Timor (1942-1945) durante a Segunda Guerra Mundial e à subsequente restauração da administração portuguesa no território. Esses eventos parecem confluir nos capítulos 1, 4 e 10, referindo-se aos acontecimentos vivenciados pelos pais do narrador-protagonista.

No plano principal da ação, nos capítulos 5 e 7 (Quadro 1), são feitas referências à guerra colonial em África (1961-1974) e à guerra do Vietname (1955-1975). Os capítulos 6 e 7 mencionam o naufrágio do navio Arbiru (30 de abril de 1973) e a Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974), o golpe militar que pôs fim à Ditadura em Portugal e que impulsionou o processo de descolonização em Timor.

No contexto da Resistência, nos capítulos 8, 9, 10 e 11, há várias referências à invasão indonésia (1975). A morte de Nicolau Lobato (1978) é mencionada no capítulo 7, e o anúncio da liderança do Conselho Nacional de Resistência (CNRT) por Xanana Gusmão (1981) ocorre no capítulo 10. Também nos capítulos 7, 8 e 9 é descrito o drama dos refugiados timorenses no vale do Jamor.

Quadro 1 – Tempo da história em *Crónica de uma Travessia* (ação principal).

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*Foi a oratória fúnebre do liurai* mutim*, ou o canto final do cisne, daquilo que foi a era do império que acabava no Ramelau. Dias depois deu-se a revolução do 25 de Abril em Portugal.*	86
2	*Xavier do Amaral foi escolhido como o rosto do Partido Nacionalista pelo perfil rústico e ancestral mais a auréola culta ocidental. Faltava-lhe a consistência ideológica. Nicolau Lobato juntou-se-lhe conferindo responsabilidade e lucidez ao líder. Ramos-Horta deu-lhe visibilidade internacional. Estava constituída a troika nacionalista de Soibada.*	99
3	*As notícias então veiculadas falavam de vitórias militares e no terreno as campanhas do cerco e aniquilamento do exército indonésio faziam uma autêntica razia, culminando com a morte de Nicolau Lobato, irmão do ministro da Defesa com licença de combate, e ambos filhos do saudoso mestre Narciso de Soibada.*	124
4	*O tal José Alexandre, cabeludo guarda-redes da Académica, poeta de sonetos e que fora seminarista em Dare. Era ele o tal Xanana Gusmão que comandava a guerrilha e incendiava os corações nas montanhas e as almas dos jovens nas praças.*	60
5	*Chegavam então de Timor os primeiros jovens pela mão da Cruz Vermelha e mostravam as chagas e as marcas da tortura.* […] *Para eles a língua passava a ser um instrumento de combate. Não interessava a construção. Mais importante do que a gramática era a denúncia do genocídio praticado pelo exército indonésio em Timor.*	136

Fonte: Cardoso (2021).

Tempo cronológico

O tempo cronológico é comummente compreendido como o tempo objetivo, marcado e medido por instrumentos externos como relógios e calendários. Trata-se de uma dimensão temporal linear, que segue uma sequência de momentos que podem ser organizados e quantificados com exatidão. Em contextos narrativos, o tempo cronológico é frequentemente utilizado para estruturar a linearidade dos acontecimentos.

Em *Crónica de uma Travessia*, há diversos marcadores de tempo cronológico (Quadro 2), começando pela frase inaugural: "Era uma quinta-feira quente, naquele dia do mês de junho de 1990" (Cardoso, 2021, p. 9), que é retomada no final da obra: "Mas os dias quentes de junho depressa lhe dificultavam a respiração" (Cardoso, 2021, p. 141). Essa repetição sugere uma circularidade na narrativa, unindo o início e o fim da ação.

Quadro 2 – Tempo cronológico em *Crónica de uma Travessia.*

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*Era uma quinta-feira quente, aquele dia do mês de junho de 1990. Como fazia todas as manhãs, atravessei o rio de barco.*	9
2	*Nasci no dia em que ele de regresso a Cailaco foi assaltado por um contrabandista que apenas lhe pedia proteção e silêncio.*	15
3	*Eis que os acontecimentos de 16 de março de 1974 quase o apanhavam em Lisboa e o impediam de regressar a Timor.*	85
4	*Era um domingo chuvoso, frio e nebuloso, quando aterrámos no aeroporto. Um outubro de outono invernal.*	102
5	*Irritado, trincava os dentes com raiva, fechava os punhos com que dava murros no ar, exercitando-se na arte de mestre de* silat*, e insultava em* mambai*. Mas os dias quentes e secos do mês de junho depressa lhe dificultaram a respiração.*	141

Fonte: Cardoso (2021).

A circularidade da ação apresenta-se como um vestígio do tempo do discurso, sendo explicitamente definida como "o ponto de partida e o fim da travessia" (Cardoso, 2021, p. 141). O impulso narrativo é instigado pelo pai, uma vez que a ação começa quando este está doente e termina com a sua morte, no mesmo mês de 1990. O relato circunscreve por isso as memórias do narrador-protagonista com o pai, numa urgência de fixação da memória.

Tempo psicológico

A respeito do tempo psicológico, o autor do *Dicionário de Estudos da Narrativa* define-o como "o tempo filtrado pelas vivências subjetivas da personagem, enquanto fator de transformação e de redimensionamento (por alargamento, por redução ou por dissolução) da objetividade do tempo diegético". Não raramente, indica, ele se relaciona "diretamente com o trajeto existencial da personagem" (Reis, 2018, p. 508).

O tempo psicológico é interno e, por isso, não pode ser medido por instrumentos mecânicos como o relógio ou o calendário. É subjetivo, refletindo a duração de um acontecimento através da intensidade emocional que o acompanha. Revelando os fluxos internos de pensamentos, memórias, reflexões e emoções, é um tempo elusivo e proporciona uma compreensão mais complexa da experiência individual.

Esse tempo, não linear e não sequencial, pode contrair-se ou dilatar-se na narrativa conforme a percepção das personagens, refletindo a intensidade e a importância atribuídas a eventos e vivências. Em *Crónica de uma Travessia*, há um equilíbrio entre as duas formas psicológicas. Três exemplos de tempo contraído (excertos 1, 2, 3) e dois de tempo dilatado (excertos 4, 5) podem ser observados (Quadro 3).

Quadro 3 – Tempo psicológico em *Crónica de uma Travessia.*

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*– Quero que vejas o nascer do Sol no mar – ultimou o ancião –, reparei que não ligaste nada ao pôr do Sol. Foi tão rápido que tu não tiveste concentração suficiente para observar. É apenas uma fração de tempo que só certas pessoas conseguem ver.*	22
2	*Lembrou-se da idade de Simão e pensou que o recuo no tempo até aos braços da mãe para o embalar fora muito curto.*	22-23
3	*O tempo corria veloz de mais e a corrente secular soltou o nódulo e escorregou por uma longa ribanceira.*	99
4	*E como o tempo tardava e nada me acontecia, decidi ir ao encontro da aparição. Apanhei o comboio matinal para o sítio prometido que me fora anunciado como o centro do mundo.*	106
5	*Tive um primo que foi para lá – fez uma pausa em busca do nome da terra, e pelo tempo que demorou parecia percorrer novamente a rota das caravelas.*	107

Fonte: Cardoso (2021).

Nos excertos fornecidos, a contração do tempo está associada às impressões do ancião (excertos 1 e 2) e à consciência da brevidade da vida, estendendo-se também ao período de instabilidade política e guerra civil de 1975, antes da invasão indonésia (excerto 3). Por sua vez, a dilatação do tempo denota a impaciência e o encantamento juvenis, retratados no episódio do Entroncamento (excertos 4 e 5).

Tempo do Discurso

No âmbito do tempo do discurso, que se refere à forma como o tempo histórico é representado na narrativa, este "sujeita-se à sequencialidade metonímica que é própria da narrativa", constituindo "um domínio suscetível de diversos tratamentos". Nesse sentido, exige "que o narrador estabeleça prioridades", uma vez que é "impossível respeitar nele a plenitude temporal da história" (Reis, 2018, p. 509).

Observámos que a circularidade da ação, ou seja, a correspondência entre a situação inicial e o desfecho, aponta para a presença do tempo do discurso na narrativa. No primeiro capítulo, o narrador-protagonista dirige-se ao hospital para visitar o pai (excertos 1 e 5), que se perdera dias antes (excertos 2 e 4). No último capítulo, o pai já se encontra no hospital, prestes a falecer (Quadro 4).

A travessia nas águas do Tejo atua como um catalisador da analepse, evocando a primeira travessia do narrador-protagonista por mar, em direção ao ilhéu de Ataúro, considerado seu lugar de origem: "Quando me perguntavam donde eu era, dizia sempre que era de Ataúro. Só me foi dito mais tarde que a terra de cada um é o local onde nasceu. Assim, eu deveria dizer Cailaco." (Cardoso, 2021, p. 55).

Quadro 4 – Tempo do discurso em *Crónica de uma Travessia*.

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*No caminho do hospital, minha mãe disse-me, sempre com o pudor de não me transmitir as suas emoções, que lhe fora anunciado em sonhos que ele tinha arrumado as suas pertenças e partira.*	9
2	*Dias antes perdera-se da casa onde vivia e fora encontrado pela polícia vagueando pelas ruas da vila do Seixal. As autoridades disseram que falava uma língua estranha e procurava por alguém.*	9
3	*Já tinha ouvido histórias de viandantes que se perdiam nos caminhos por causa do* rain-fila*, isto é, das partidas que a terra prega aos intrusos, virando-se ao contrário, obrigando então aqueles a socorrer-se dum malabarismo, no qual o guia se sujeita a despir toda a roupa e a vesti-la do avesso como forma de encontrar o caminho de retorno.*	19
4	*Fora a décima primeira vez que se perdera. Quando as autoridades o trouxeram de volta, recomendaram que a polícia não tinha por missão resgatar quem se ausentara no tempo.*	139
5	*No quarto do hospital soletrou-me vagamente aos ouvidos os nomes trocados dos combatentes australianos. Delegava em mim a sua tarefa. Quis o destino que se cumprisse o enredo:* mate-bandera-hum.	141

Fonte: Cardoso (2021).

As outras travessias do narrador-protagonista são relatadas de modo linear: a travessia por mar até Ataúro (capítulos 1, 2 e 3), a travessia terrestre até Same, Lautém, Soibada (capítulo 4) e Díli (capítulos 5, 6 e 7), onde ele se faz adulto, e a viagem de avião para Lisboa (capítulos 8, 9, 10 e 11). O pai acompanha as primeiras travessias, mas passa à clandestinidade quando o narrador-protagonista chega a Díli.

Fenómenos de ordem

A analepse é um fenómeno de anacronia que altera a ordem dos eventos da história em relação à ordem apresentada no discurso. Também conhecida como *flashback* ou retrospetiva, caracteriza-se pela apresentação de eventos passados em relação ao tempo presente da história. Detendo funções diversas na orgânica do relato, a analepse decorre não raramente "de um impulso de ativação da memória" (Reis, 2018, p. 29).

No Quadro 5, é possível observar a frequência das analepses ao longo da narrativa, evidenciando a natureza dinâmica e não linear da memória do narrador-protagonista. Um exemplo disso é a referência à chegada do pai a Portugal (excerto 2), mencionada logo no início da obra, embora cronologicamente ocorra depois da escolarização do filho (excerto 5). A escolarização do filho, por sua vez, faz parte da trama principal e configura uma analepse.

A personagem Domingos, companheiro de Mali Mau e Nai Buti, insere uma analepse ao encaixar a sua história pessoal na narrativa principal: "Apagou as lágrimas e começou a enunciar uma longa história, que dizia nunca contar a ninguém, mas que lhe voltava constantemente em sonhos suados como se nadasse no fundo do rio" (Cardoso, 2021, p. 125). Esta história abrange desde o seu nascimento até à sua jornada por Díli, Atambua e Odivelas.

Quadro 5 – Analepses em *Crónica de uma Travessia*.

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*Naquele dia eu vestia roupa branca, sem mácula, sem suor, saído dum banho de água fria como quando ele me conduziu ao altar para receber a minha primeira comunhão.*	9
2	*Viera para Portugal quatro anos antes, com a família, para recuperar a memória que perdera num acidente de viação em Díli.*	10
3	*Quando a minha mãe estava grávida de mim dizia que queria um futuro afortunado para o filho.*	125
4	*Quando eu vi a luz do dia e dei o primeiro berro, ela teve o último suspiro e apegou-se na escuridão.*	126
5	*Anteriormente [o liceu] era o único local que formava quadros para a administração da província.*	70

Fonte: Cardoso (2021).

A prolepse, igualmente conhecida como *flashforward* ou prospetiva, é um caso particular de anacronia que "corresponde a todo o movimento de antecipação, pelo discurso, de acontecimentos cuja ocorrência, na história, é posterior ao presente da ação" (Reis, 2018, p. 417). Note-se que a prolepse ocorre em muito menor frequência do que a analepse, o seu signo temporal simétrico.

Quadro 6 – Prolepses em *Crónica de uma Travessia.*

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*Anos mais tarde, um parente destemido viria ficar imobilizado do lado esquerdo por ter ousado matar a enguia, impedindo desta forma o escorrer das águas e secando a fonte.*	44
2	*Passados três quartos de hora estávamos no meio de um conjunto de edifícios amarelos circundados por plantações de café ensombradas por extensas árvores de* albizia molucana.	61
3	*Mais tarde a Indonésia far-lhe-ia pior: pô-lo fora de Timor.*	73
4	*Dias depois deu-se a revolução do 25 de Abril em Portugal.*	86
5	*Depois de alguns dias de reclusão para recuperar do esforço despendido andando por terras que ele dizia serem de Betano, em busca de um parente errante, a luz entrando pela janela restituiu-lhe o norte.*	139

Fonte: Cardoso (2021).

Embora menos frequente do que a analepse, a prolepse desempenha um papel importante na economia narrativa, permitindo a seleção e a omissão de detalhes da ação. Por exemplo, no excerto 2, o trajeto da viagem até ao colégio não é narrado integralmente, e no excerto 5, os pormenores da convalescença do pai são omitidos, com o narrador focando-se apenas nos momentos relevantes (Quadro 6).

A prolepse contribui também para a eficácia da ironia na narrativa. Podemos observar isso no discurso do governador à chegada a Timor, no contexto do 25 de Abril, qualificado como *o canto final do cisne* (excerto 4). As prolepses nos excertos 1 e 3 desempenham ainda um papel premonitório, introduzindo elementos do presente real no passado da narrativa e antecipando o futuro.

Fenómenos de velocidade

A pausa é um fenómeno de anisocronia caracterizado pela "suspensão artificial do tempo da história, em benefício do tempo do discurso" (Reis, 2018, p. 388). No Quadro 7, podemos perceber

como, em *Crónica de uma Travessia*, as pausas narrativas são preenchidas com descrições detalhadas de lugares, como Díli (excerto 1), e de personagens, como o cavaleiro Adriano (excerto 5).

Quadro 7 – Pausas em *Crónica de uma Travessia*.

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*Foi baixando os olhos até à cidade. Luzes iluminavam a estrada marginal, talvez só para os espíritos que saíam dos seus habitáculos e deambulavam pelos locais vazios. Cães em fila canina corriam em direção a qualquer coisa e ladravam. A cidade estava caída no silêncio dos homens.*	19
2	– Kuda-ulum*?! – repetia eu em direção ao bairro de Bebora quando atravessava a estrada alcatroada* […] *Bebora era um bairro periférico de* palapa*, próximo do campo de aviação, onde pernoitavam os aviões caseiros, e do campo de mouros, onde aterravam os comerciantes árabes que não comiam carne de porco.*	56-57
3	*Quando me perguntavam pela minha proveniência enquanto eu me dividia pelos locais onde tinha passado* […] *O colégio chamava-se D. Nuno Álvares Pereira. Um bastião lusitano encravado no coração de Timor para comemorar uma Aljubarrota distante.*	45
4	*A camioneta não parou, embora uma placa branca tivesse anunciado que ali era a vila de Lautém.* […] *A vila tinha sido transferida para o interior, para um local aprazível onde havia uma lagoa polvilhada de camarões, circundada de árvores centenárias que albergavam macacos durante o dia e corujas de noite.*	50
5	*Adriano entrava na sala de aula com passos solenes como se ainda estivesse montado num cavalo.* […] *Estava sempre vestido com roupas imaginárias de* cowboy *embora se apresentasse com calças de terilene brilhante sem dinheiro para comprar as inflacionadas jeans, que os marinheiros filipinos do navio mercante Musi vendiam de contrabando no cais de Díli.*	79

Fonte: Cardoso (2021).

A elipse é um fenómeno de anisocronia em que ocorre uma "supressão de um lapso temporal no relato e, por consequência, dos acontecimentos que nele tiveram lugar" (Reis, 2018, p. 102). Essa eliminação de partes pode ser explícita, implícita ou hipotética e favorece a economia da narrativa. Difíceis de detectar, as elipses são frequentemente confundidas com analepses ou sumários.

No Quadro 8, fica evidente como é usada uma elipse para omitir, por exemplo, o segundo, terceiro e quarto anos do narrador-protagonista na escola primária (excerto 2) e a viagem de avião para Lisboa

(excertos 3 e 4), ambos considerados episódios menores na trama principal. No entanto, a omissão de eventos como a ocupação japonesa em Timor (excerto 1) e o momento da morte do pai (excerto 5) carrega um significado maior.

A interrupção da narração da história do pai ocorre no capítulo 7 e constitui outra elipse. O reencontro com o filho em Lisboa, narrado no capítulo 10, promete preencher o vazio biográfico do pai, mas acaba por ser frustrado. O sofrimento vivido no mato é intuído, mas permanece inacessível e inenarrável: "Quando tentava abordar o sofrimento no mato, fechava-se como uma rocha." (Cardoso, 2021, p. 135).

Quadro 8 – Elipses em *Crónica de uma Travessia.*

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*Foi chamado para fazer o curso de Enfermagem na altura em que deflagrou a Segunda Guerra Mundial; quando os Japoneses entraram em Timor, já andava a municiar os comandos australianos que moveram uma intensa e desmesurada defesa contra os Nipónicos. Finda a guerra, ficou com cicatrizes que ostentava como uma medalha* [...]	13
2	*Quando o* [primeiro] *ano findou, tinha apenas uma muda de roupa que se colava à minha pele e cheirava mal.* [...] *O meu professor da quarta classe era um irmão leigo português cuja altura mediana e a alvura da pele me informavam que era do Minho.*	10
3	*Na despedida, vi o rosto dos meus parentes satisfeitos* [...] *quando aterrámos no aeroporto* [...] *as avenidas estavam vazias, com figuras dispersas de gente vestida de preto.*	101-102
4	*Recebi a notícia da família de que ele entretanto regressara do mato.* [...] *Fui ao aeroporto esperá-lo.*	129
5	*No quarto do hospital soletrou-me vagamente aos ouvidos os nomes trocados dos combatentes australianos. Delegava em mim a sua tarefa. Quis o destino que se cumprisse o enredo:* mate-bandera-hum. *Um lençol branco, como uma bandeira despida de cores e de símbolos, cobria-lhe o corpo nu e moreno.*	141

Fonte: Cardoso (2021).

O sumário é um recurso narrativo que comprime o tempo da história. Ao usar o sumário, o narrador reduz "a um lapso durativo sensivelmente menor do que aquele que a sua ocorrência exigiria" (Reis, 2018, p. 492). Assim, o resumo implica da parte do narrador uma desvalorização dos eventos que pode ser explicada em função da economia da história e dos vectores semânticos que a regem.

No Quadro 9, podemos observar como os acontecimentos relacionados com a história paterna (excertos 1 e 2), o namoro da prima com o militar que deixa a *Bíblia* ao narrador-protagonista (excerto 3), o destino de Simão (excerto 4) e a temporada dos refugiados timorenses em Portugal (excerto 5) são resumidos em poucas linhas. Essa condensação ocorre porque esses eventos são considerados secundários ou narrativas encaixadas.

Quadro 9 – Sumários em *Crónica de uma Travessia.*

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*Acabada a instrução primária, voltou para Same. Enquanto aguardava pelo curso de Enfermagem fez-se agricultor de café e casou-se com a minha mãe, oriunda de Fahinihan e falante de* laclei.	12
2	*Voltou ao curso de Enfermagem e feita a graduação foi enviado para o tirocínio nas regiões da fronteira, naquele território de contrabandistas de gado* […]. *E a cavalo percorria as vilas* […], *sempre acompanhado da sua caixa de seringas, atrás da malária, do tifo e da disenteria.*	14
3	*O namoro terminou e o militar destroçou para outras paragens. A minha prima ficou como uma rosa murcha, o meu pai, com raiva, cortou-lhe o cabelo rente, e a minha mãe, com pena, enviou-a de novo para Manufahi.*	40
4	*Simão casara com Ermelinda e fora viver para o* suku *de Macadade, tornando-se chefe local.*	42
5	*Partiram de Timor de fato e gravata e regressaram quase descalços, levando um velho professor catequista a lamentar o quanto em vão foi o seu esforço, dizendo que mais valia não terem ido para a universidade e terem ficado em Timor a cultivar as várzeas do Natar Boro.*	100

Fonte: Cardoso (2021).

O último fenómeno de anisocronia a ser aqui abordado é a digressão. Entende-se por digressão "um comentário ou reflexão relativamente alargada que, interrompendo o curso do relato […], estabelece uma pausa no desenvolvimento da história" (Reis, 2018, p. 88). As digressões podem ter uma função ideológica, preparar a apresentação de personagens, abrandar o ritmo de desenvolvimento da narrativa ou servir como elemento ornamental (Quadro 10).

Quadro 10 – Digressões em *Crónica de uma Travessia.*

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*O vale da ribeira de Lacló estendia-se numa longa distância e planície, ladeada de várzeas de arroz; mais tarde um governador aqui tentaria fazer perdurar o seu estatuto, mandando construir uma ponte com o seu nome, imitando o outro da mãe-pátria, mas que as águas rebeldes e insubmissas das monções se encarregaram de transformar sucessivamente num monte de destroços – o prenúncio do futuro.*	16
2	*Uma casa branca caiada e com o teto de capim, oferecia-se ao mar, mesmo junto à praia. Quem teria tido o sonho de ali edificar uma casa tão romântica como nas histórias dos livros? Quem seria o aventureiro que decidira arrumar as suas pertenças para ali edificar uma casa, mesmo na terra para onde foi desterrado para ser comido pelo abandono? Imaginou então que só poderia ser uma mulher bonita...*	27
3	*Sentava-me junto ao cais das colunas* [...]. *Sonhava com o dia em que elas haveriam de levantar a cabeça e vir ter às minhas mãos à espera que lhes desse ovos como fazia o meu avô. Levava continuamente nos bolsos ovos, pronto a socorrer-me deles num momento sugestivo.*	108
4	*Não consegui dormir* [...] *pelo concerto ruidoso das suas respirações. Pareciam escalar montanhas, ou escavar o fundo das suas memórias.* [...] *Que fariam nesta terra como se tivessem passado do real para as páginas duma crónica de escravos trazidos pelas caravelas descrita pela pena de Pigafeta.*	116
5	*Fez-me lembrar o tempo da infância, em que depois da travessia marítima entre Díli e Ataúro, e findo o trajeto, não me pude aguentar em pé e tombei no chão, embalado pelas vagas do mar mas satisfeito por ter pisado terra firme.*	130

Fonte: Cardoso (2021).

Fenómenos de frequência

De acordo com o autor do *Dicionário de Estudos da Narrativa*, a frequência da narrativa envolve "uma relação quantitativa entre o número de eventos ocorridos na história e o número de vezes que são mencionados no discurso" (Reis, 2018, p. 185). Entre os fenómenos de frequência mais comuns na narrativa, temos o discurso singulativo, que se refere à menção única de ações singulares no relato (Reis, 2018, p. 482).

O discurso singulativo é empregado (Quadro 11) para descrever momentos marcantes na narrativa do narrador-protagonista, como o seu nascimento (excerto 1), a viagem de Ataúro para Díli (excerto

2), a viagem para Soibada (excerto 3), a instância em que recebe a notícia do naufrágio do navio Arbiru (excerto 4) e o primeiro dia do ano de 1979 ou a primeira passagem de ano fora de Timor (excerto 5).

Quadro 11 – Discurso singulativo em *Crónica de uma Travessia.*

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*Nasci no dia em que ele de regresso a Cailaco foi assaltado por um contrabandista que apenas lhe pedia proteção e silêncio.*	15
2	*Foi assim que deixei os meus parentes na ilha de Ataúro e voltei a atravessar o mar em direção a Díli. Era um dia de temporal e pude constatar quão previdente era o meu pai.*	42
3	*No dia marcado, lá estávamos nós acompanhados com parentes despachantes.*	60
4	*Habituado que estava a ler nos sinais do tempo e no canto dos pássaros a sorte e a morte dos homens, nunca mais teve paz, depois de eu o ter visto encharcado em lágrimas como naquele dia fatídico.*	87
5	*À procura do caminho de cada um fomos passear pelo rio no dia em que dava início o ano de 1979.*	125

Fonte: Cardoso (2021).

O discurso iterativo ou frequentativo refere-se a eventos que ocorrem várias vezes durante a ação, mas são narrados apenas uma vez no discurso (Reis, 2018, p. 226-227) e enunciado através de formas verbais do tipo do imperfeito. No Quadro 12, podemos observar como são descritos os hábitos do narrador-protagonista (excerto 1), de Simão (excerto 2), do colega Vasco (excerto 3), do seu professor da quarta classe (excerto 4) e da mãe de Domingos (excerto 5).

A maioria desses excertos descreve comportamentos que o narrador-protagonista relembra em outros momentos da narrativa, mas o excerto 5 provém da história recordada de Domingos. O excerto 1 é particularmente significativo, pois revela a frequência com que o narrador-protagonista atravessava o Tejo para visitar o pai – a primeira travessia mencionada na narrativa, já no ano de 1990.

Quadro 12 – Discurso iterativo em *Crónica de uma Travessia.*

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*Como fazia todas as manhãs, atravessei o rio de barco.*	9

2	*E era aos domingos que Simão atravessava o muro branco carregando de ambos os lados dos sovacos galos de luta.*	35
3	*Vasco, o filho do desterrado, passou a aparecer todas as manhãs com a boca besuntada de manteiga e cheirando a pão matinal.*	41
4	*Semanalmente, interrompia o estudo, vinha com um gramofone e muitos discos de música clássica e de poesia de Fernando Pessoa dita por João Villaret.*	52
5	*Todas as noites se sentava em frente de casa junto do velho gondoeiro onde supunha que a dita* [Pontiana] *habitava.*	125

Fonte: Cardoso (2021).

Ao contrário do discurso iterativo, no qual os eventos ocorrem várias vezes durante a ação, mas são narrados apenas uma vez, o discurso repetitivo refere-se a um acontecimento que é mencionado várias vezes (Reis, 2018, p. 425-426). Essa repetição tem um papel importante por destacar certos eventos, fazendo com que quem lê os associe continuamente à ação principal e às suas implicações, podendo funcionar como um *leitmotiv*.

Entre os acontecimentos referidos várias vezes em *Crónica de uma Travessia*, temos a referência à guerra de Manufahi e ao *liurai* D. Boaventura (excertos 1, 4 e 5 do Quadro 13). Esta repetição está profundamente ligada à origem familiar do protagonista, que descende de famílias de Manufahi, e à relação do pai com o genro do falecido D. Boaventura, cujos filhos frequentavam o Colégio de Soibada.

Quadro 13 – Discurso repetitivo em *Crónica de uma Travessia.*

#	Excertos exemplificativos	Página
1	*Foi-me apresentado o mestre Mário de Noronha, que casara com a única filha do* liurai *D. Boaventura, e cujos filhos frequentavam o colégio de Soibada.*	44
2	*O velho enfermeiro tinha-me dito que o naufrágio do navio Arbiru era a premonição de algo de catastrófico que estava para acontecer.*	87
3	*Excluiu-se assim de ser aquele homem só perante a história como o náufrago do navio Arbiru, cuja sobrevivência ele contestara.*	90
4	*Um, o mestre Alberto, do reino de Lacló, fiel às autoridades coloniais, e o meu pai, originário de Manufahi, fiel a D. Boaventura.*	134

5	*Achava que ainda estava na continuação duma longa travessia. Que os homens necessitavam dum espírito ou* rain-nain *velando pelos seus caminhos. Aconteceu isso na guerra de Manufahi com D. Boaventura.*	138

Fonte: Cardoso (2021).

Outro acontecimento repetido na narrativa é o naufrágio do navio Arbiru. O naufrágio do Arbiru está novamente ligado à vida do pai do protagonista, que parte para Singapura para acompanhar a saúde dos tripulantes (Cardoso, 2021, p. 80). Este evento também adquire um caráter simbólico, funcionando quase como uma premonição da invasão indonésia, como podemos ler nos excertos 2 e 3.

Memória e identidade

Crónica de uma Travessia evoca o conceito de *rain-fila*, no qual o lugar se transforma para enganar o viajante e o obriga a virar as roupas do avesso para reencontrar o caminho de volta. Esta metáfora reflete a complexa relação do tempo com a memória, entendida como uma construção fragmentada que desafia a linearidade histórica, reformulando o passado enquanto impulsiona a sua contínua reconstrução.

> Já tinha ouvido histórias de viandantes que se perdiam nos caminhos por causa do *rain-fila*, isto é, das partidas que a terra prega aos intrusos, virando-se ao contrário, obrigando então aqueles a socorrer-se dum malabarismo, no qual o guia se sujeita a despir toda a roupa e a vesti-la do avesso como forma de encontrar o caminho de retorno. (Cardoso, 2021, p. 19)

É a figura paterna que organiza a narrativa e orienta a travessia, funcionando como eixo afetivo e simbólico do percurso do narrador-protagonista. A travessia inicial deste pelo rio Tejo desdobra-se numa jornada emocional e psicológica para resgatar o passado, diante da iminente morte do pai. A morte, descrita como uma *ausência no tempo*, encerra a narrativa num ponto em que só lhe é possível o testemunho.

Figura central na transmissão do imaginário colonial, o pai corporiza uma memória herdada que molda o olhar do filho sobre o mundo. Ao chegar finalmente à *pátria distante*, fá-lo despojado de presença – desabitado pelo trauma da ocupação indonésia. Incapaz de habitar criticamente esse espaço sonhado, entrega ao filho a tarefa de o interrogar e reconfigurar os sentidos da pertença e da identidade.

> Eu tinha a certeza que ele, uma vez recuperado da travessia, haveria de ir buscar lentamente, ao refugo da memória, a lembrança desta terra que outrora me impingia […] Ele tinha por hábito ler um grosso dicionário da língua portuguesa. […] Mas o tempo da permanência no mato fê-lo esquecido do vocabulário. […] De vez em quando desaparecia e argumentava posteriormente ter ido ao mato. Para respirar. Mas ia à estação de caminhos-de-ferro para ver os comboios partirem com destinos que ele dizia serem Maubisse, Tutuala, Balibó e outros que só ele conhecia os nomes. O tempo passava, e com ele, a esperança que pudesse recuperar

> do sucedido, ter direito de usufruir em última instância a satisfação de poder encantar-se com a realidade como antes fizera por obrigação de me instruir. (Cardoso, 2021, p. 130-131)

É no filho que se opera o descompasso entre o imaginário e a realidade, abrindo caminho a uma rutura identitária. A estação do Entroncamento, esperada como o centro do mundo, revela-se deserta e estagnada. Esse vazio simbólico desmonta as promessas do colonialismo. O protagonista toma então consciência de que a verdade colonial era construída sobre uma ficção sedutora e falaciosa.

> E como o tempo tardava e nada me acontecia, decidi ir ao encontro da aparição. Apanhei o comboio matinal para o sítio prometido que me fora anunciado como o centro do mundo. Era aí que se cruzavam todos os comboios da terra, os homens de diferentes raças, do Norte e do Sul, cruzados e maometanos. Tinha a certeza que só a realidade poderia concretizar as minhas fantasias carregadas ao longo do tempo e da peregrinação pelas escolas missionárias. Fechei os olhos para não ser importunado pela paisagem que circundava o nó da terra nem pelo agouro dos pássaros migrantes. Queria ser surpreendido. Quando o comboio estacionou e os altifalantes anunciaram o fim da linha e a mudança de troço, abri os olhos. Era uma estação, vazia, de ferro estendido e quente que queimava o meu comboio que adormecia na linha como uma jiboia morta. (Cardoso, 2021, p. 106)

Uma desilusão deste tipo não pode senão fundar um movimento de reorientação interior. A consciência do engano – da jiboia morta – marca o início de um percurso de desaprendizagem. O narrador-protagonista precisa desativar o olhar colonizado das expectativas e reconhecer que o seu desejo de ascensão estava contaminado pelo modelo do Outro. Este reconhecimento inicia um processo de descolonização subjetiva, que é também epistémico.

Ainda que enraizada na memória pessoal e familiar, esta narrativa inscreve-se numa sensibilidade pós-colonial, ao interrogar os legados do colonialismo e ensaiar formas alternativas de pertença. O testemunho assume-se como um gesto de restituição simbólica perante a morte do pai, figura através da qual se articula a herança colonial, e o narrador-protagonista, entre línguas e lugares, constrói uma identidade em trânsito.

Publicada em 1997, *Crónica de uma Travessia* marca um momento inaugural na afirmação de uma literatura nacional timorense em língua portuguesa. Ao desmontar a herança colonial, o romance aponta para a possibilidade de um novo olhar – não subordinado, mas crítico e reconstrutivo. A descolonização subjetiva é, neste caso, também uma reconfiguração do tempo e da linguagem, que permite ao sujeito recuperar e reinscrever a sua própria travessia.

Conclusão

Em *Crónica de uma Travessia*, o real ficcional é sustentado em grande parte pela presença de fenómenos de anacronia (deslocamento temporal) e anisocronia (variação temporal), além das marcas de um discurso repetitivo, iterativo e singulativo. Esses elementos desafiam a concepção de uma narrativa histórica uniforme, oferecendo uma perspectiva multifacetada e fluida do passado.

Os fenómenos discursivos criam uma temporalidade complexa que espelha a experiência humana do tempo, conferindo profundidade psicológica e social. Ao simular padrões de memória e história, a narrativa reflete revisitações e esquecimentos, tornando o passado crível e ambíguo. Essa abordagem desafia o leitor a reconhecer o "real" como uma construção subjetiva e complexa.

Um exemplo notório dessa dinâmica é a sublevação de D. Boaventura de Manufahi. Enquanto a versão oficial da história atribui a revolta ao pagamento da finta, o narrador-protagonista apresenta uma versão alternativa, centrada numa paixão proibida. Essa reinterpretação ficcional, intensificada pelo recurso ao discurso repetitivo, ressalta o poder do discurso na construção e na reconfiguração da história.

Referências

CARDOSO, Luís. *Crónica de uma Travessia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

CARDOSO, Luís. *Crónica de uma Travessia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2021.

PEIXINHO, Ana Teresa. Review Essay: dicionário de estudos narrativos, de Carlos Reis. *Luso-Brasilian Review*, Madison, v. 56, n. 2, p. 131-135, dez. 2019. Doi: https://doi.org/10.3368/lbr.56.2.131

RAMOS, Ana Margarida. Literatura timorense: da emergência à legitimação. *Caderno Seminal Digital*, Brasil, Rio de Janeiro, v. 18, n. 18, p. 73-92, jul./dez. 2012. Doi: https://doi.org/10.12957/cadsem.2012.11884

RAMOS, Ana Margarida; ALMEIDA, Ana Paula; PEREIRA, Paulo Alexandre; SILVA, Sara Reis da. *Programas do 10.º, 11.º e 12.º anos de temas de literatura e cultura*. Díli: Ministério da Educação de Timor-Leste, 2011.

REIS, Carlos. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1987.

Recebido em 17 de fevereiro de 2025.

Aprovado em 3 de agosto de 2025.

Resumo/Abstract

Um autêntico *rain-fila*: o tempo em *Crónica de uma Travessia* de Luís Cardoso

Filipa Filipe e Teodora Gonzaga

O *rain-fila* é uma crença timorense segundo a qual o tempo age como uma força transformadora e enganadora, capaz de desorientar o viajante e obrigá-lo a vestir a roupa do avesso para reencontrar o caminho de retorno. No romance *Crónica de uma Travessia*, este conceito funciona como uma metáfora para a memória. Este artigo propõe-se a analisar o tempo narrativo na obra de Luís Cardoso, fundamentando-se nos estudos narratológicos de Carlos Reis. São examinados paratextos e excertos que

evidenciam a relação entre o tempo da história e o tempo do discurso. A análise incide sobre fenómenos de ordem, velocidade e frequência, que evidenciam os processos de desconstrução e reconstrução do passado, articulando memória individual e coletiva.

Palavras-chave: tempo, narrativa, romance, *Crónica de uma Travessia - A época do Ai-Dik-Funam*, Luís Cardoso.

An authentic *rain-fila*: time in *The Crossing* by Luís Cardoso

Filipa Filipe and Teodora Gonzaga

Rain-fila is a Timorese belief according to which time acts as a transformative and deceptive force, capable of disorienting the traveler and forcing them to wear their clothes inside out to find their way back. In the novel *The Crossing - A Story of East Timor*, this concept serves as a metaphor for memory. This article aims to analyze narrative time in Luís Cardoso's novel, drawing on the narratological framework of Carlos Reis. It examines paratexts and excerpts that reveal the relationship between story time and discourse time. The analysis focuses on phenomena of order, speed, and frequency, which highlight processes of deconstructing and reconstructing the past, interweaving individual and collective memory.

Keywords: time, narrative, novel, *The Crossing - A Story of East Timor*, Luís Cardoso.